



COMO NÃO SE APAIXONAR: UM BREVE RELATO SOBRE UMA VIVÊNCIA NA TURMA (EIXO - VI) EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO COLÉGIO ESTADUAL DA BAHIA – CENTRAL

¹ Katia Brito Dantas; ² Ana Cláudia Henrique Mattos; ³ Marcone Da Silva Cerqueira; ⁴ Tatiane Gomes da Silva

¹Mestranda, Especialista Universidade do Estado da Bahia – UNEB Grupo de Pesquisa PROGEI kdantas@uneb.br ;

²Especialista em Educação Especial com Ênfase em TEA, Psicopedagoga e Neuropsicologia Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia- SEC e Professora da Rede Municipal de Salvador atuando como professora do AEE em um Centro Especializado. Grupo de Pesquisa PROGEI, ana.chmattos@gmail.com

³Especialista em Educação Física Escolar, Especialista em Educação Física na EJA. Secretaria municipal de Educação de Salvador: SMED, Grupo de pesquisa PROGEI- Programa de Educação Inclusiva, marconecerqueira@educacaosalvador.net

⁴Especialista em Educação Especial, Neuropsicopedagoga e Analista do Comportamento. Grupo de Pesquisa PROGEI tatycoordespecial@gmail.com

EIXO TEMÁTICO 1: SUJEITOS DA EJA: INCLUSÃO, DIVERSIDADE E RELAÇÕES ÉTNICO raciais

RESUMO

Este resumo expandido apresenta uma reflexão sobre a importância de uma prática pedagógica inclusiva, a partir da visita guiada a uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Eixo VI, no Colégio Estadual da Bahia (Central), sob a orientação da Profa. Dra. Patrícia Carla da Hora. Essa experiência foi dividida em dois momentos vivenciados *in loco*. O primeiro consistiu na observação e análise do Atendimento Educacional Especializado (AEE), também denominado Sala de Recursos Multifuncionais, espaço fundamental no apoio à inclusão e ao desenvolvimento dos estudantes com necessidades educacionais específicas. No segundo momento, pudemos perceber e vivenciar de forma interativa a aula da professora X de Educação Física, a qual ministrou mecanismos para integrar os alunos, mostrando-se motivada pelo desejo de realizar e construir no espaço coletivo da sala de aula relações de interações no desenvolvimento educacional dos alunos, por meio da ludicidade.

Ressaltamos que, no Brasil, mesmo com o significativo avanço na oferta de vagas no ensino fundamental nos últimos anos, ainda há milhares de jovens, adultos e pessoas idosas que não tiveram acesso ao processo de escolarização/alfabetização durante o período indicado como regular. Estes veem, na referida modalidade de ensino, uma oportunidade de recuperarem o tempo perdido e de, conseqüentemente, serem incluídos na sociedade letrada (TELES; SOARES, 2016). É importante enfatizar que o Colégio Estadual da Bahia é uma das instituições de ensino mais tradicionais e respeitadas do estado. Localizado no coração de Salvador, no bairro de Nazaré, foi fundado em 1837 com o nome de Liceu Provincial da Bahia, sendo a primeira escola pública de ensino



secundário da Bahia. O colégio é conhecido por abrigar estudantes de diversas realidades sociais e por valorizar a pluralidade, a inclusão e o pensamento crítico. Hoje, o Colégio Central oferece Ensino Médio regular e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com projetos pedagógicos que valorizam a cultura, a ciência e o protagonismo estudantil, como a Universidade para Todos. Seu prédio histórico e sua importância simbólica o tornam um marco na história da educação baiana e brasileira; tornando-se cenário ideal para uma visita de campo da matéria EJA e Educação Especial na Perspectiva Inclusiva. Diante dessa valiosa visita técnica, surgiu o questionamento: Como a prática docente criativa e o uso da ludicidade na Educação Física podem contribuir para a inclusão e o engajamento dos estudantes da EJA no Colégio Estadual da Bahia Central? Por meio do observar da atividade motivada através da integração de ensinamentos e conhecimentos desenvolvidos num ambiente devidamente planejado e organizado pela docente, este trabalho tem como objetivo refletir sobre o papel da prática docente criativa como promotora da inclusão de estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos) no Colégio Estadual da Bahia (Central). Assim, temos como objetivos específicos: descrever experiências pedagógicas criativas desenvolvidas por docentes no contexto da EJA; analisar como a prática docente criativa e o uso da ludicidade podem favorecer a participação, o engajamento e a permanência dos estudantes da EJA e fomentar mecanismos para lidar com os principais desafios pedagógicos enfrentados na condução das aulas de Educação Física. A pesquisa é de natureza qualitativa e utiliza a observação participante como principal método. A coleta de dados ocorreu durante uma visita técnica à turma da EJA Eixo VI, no Colégio Estadual da Bahia (Central). As observações foram registradas em diário de campo e posteriormente analisadas à luz do referencial teórico.

Durante essa visita, ocorreu a aula de Educação Física, momento que os visitantes foram convidados a participar da dinâmica com os alunos da EJA. Foi um momento lúdico e enriquecedor. Segundo Kishimoto (2000), a ludicidade vai além do simples ato de brincar, constituindo-se como um instrumento pedagógico que potencializa o ensino-aprendizagem, tornando o ambiente educativo mais significativo e prazeroso. No contexto da Educação Física, especialmente em uma Educação Especial inclusiva na EJA, o movimento e o jogo assumem papel fundamental na construção da autoimagem, da cultura corporal e na promoção da cidadania, favorecendo a inserção social, o cuidado com o corpo e a expressão de afetos e sentimentos (BRASIL, 2002).

Nesse sentido, é necessário reconhecer o protagonismo da Educação Física como componente curricular que contribui para a integração e o desenvolvimento global dos sujeitos, ainda que, muitas vezes, permaneça invisibilizado no contexto da EJA. Essa perspectiva dialoga com a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), que defende uma escola inclusiva capaz de acolher as diferenças, respeitar ritmos e estilos de aprendizagem e garantir educação de qualidade para todos.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma política pública assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), destinada a oferecer oportunidades de escolarização a quem não teve acesso no tempo regular. O Plano Nacional de Educação (PNE 2014–2024) reforça essa meta, priorizando a elevação da escolaridade, a erradicação do analfabetismo e a articulação com a Educação Profissional, reconhecendo a importância da formação continuada e da valorização dos saberes dos sujeitos jovens, adultos e idosos (BRASIL, 2014).

Conforme destacam Teles e Soares (2016), a EJA representa não apenas um espaço de aprendizagem, mas também de inclusão social e reconstrução de trajetórias de vida. Historicamente, a educação de adultos no Brasil percorreu um caminho de transformações



— das campanhas emergenciais às concepções críticas e libertadoras inspiradas por Paulo Freire, que compreendia o analfabetismo como resultado das desigualdades sociais e a educação como meio de superação e emancipação (STRAGLIOTTO, 2008).

Essas mudanças consolidaram a EJA como direito garantido pela Constituição de 1988 e como modalidade comprometida com a diversidade cultural e a equidade. Ainda assim, os desafios persistem, principalmente na efetivação de práticas realmente inclusivas. A visita técnica à instituição evidenciou que a inclusão depende de atitudes e valores dos profissionais da educação, e não apenas de políticas e leis. É preciso estar aberto ao novo, compreender a singularidade de cada aluno e construir estratégias coletivas que unam escola, família e comunidade.

A LDB 9.394/96 reforça que a escola deve garantir acesso e permanência a todos, promovendo educação de qualidade sem discriminação. No entanto, observa-se uma lacuna entre teoria e prática, especialmente no que se refere à inclusão de estudantes com necessidades específicas. Freire (1996; 2008) lembra que a educação libertadora exige diálogo, escuta e compromisso ético com o outro. Assim, a ludicidade e a criatividade docente tornam-se caminhos possíveis para transformar o espaço escolar em um lugar de pertencimento, aprendizagem e afeto.

Em síntese, a efetivação da educação inclusiva na EJA requer o esforço conjunto de professores, gestores e políticas públicas comprometidas com a equidade. Mais do que cumprir legislações, é preciso vivenciar a inclusão como um princípio ético e humano que reconhece cada sujeito como capaz de aprender, participar e transformar sua realidade.

Palavras-chave: EJA, Educação Inclusiva, Ludicidade, Papel Docente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (2014–2024).** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil.** 9. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2000.

STRAGLIOTTO, Maria Lúcia. **A Educação de Jovens e Adultos: desafios e perspectivas.** São Paulo: Cortez, 2008.

TELES, Ana Lúcia; SOARES, Magda. **Educação de Jovens e Adultos: fundamentos e práticas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educativas Especiais.** Salamanca: UNESCO, 1994